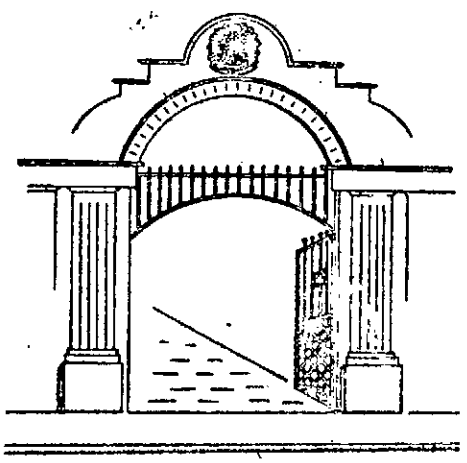
HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO

PALAVRAS À JUVENTUDE



1964

HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO

PALAVRAS À JUVENTUDE

Discurso pronunciado pelo Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, no Colégio Militar em Pôrto Alegre, a 23 de maio de 1964.

1964

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
BIBLIOTECA

NESTE momento de tanta emoção para mim, tenho ânimo para não invocar o "E' tarde, é muito tarde..." de Mont'Alverne.

Há cinqüenta anos, êstes lugares eram também meus; vivi aqui uma juventude, hoje tão distante, aprendendo no curso secundário e me lançando, juntamente com meus companheiros, pelas abertas do futuro. E agora, com um apêlo incontido às fôrças do espírito, eu não me sinto um deslocado no meio que generosamente me acolhe como um velho amigo.

O tempo desfigurou a pessoa do estudante. Mas o espaço é o mesmo, a severa e tradicional casa de ensino do Exército, na antiga Várzea, com o seu férreo portão, por onde continuam a passar sucessivas gerações, com as vetustas galerias, onde todos se cruzam nas idas e vindas para as salas de aula e para o pátio, nos quais a comunidade se ativa. Posso, então, com o calor e a magnanimidade da recepção, reunir em mim mesmo aquilo que aqui recebi e que

ainda conservo, e trazer a mensagem de um aluno de 1912-17 para os jovens de hoje, de nosso Colégio Militar de Pôrto Alegre.

Eu bem sei que sombras me rodeiam e que escuto vozes de um passado longinquo, como que a me chamarem para uma fala autêntica e fiel àquela época. Até cinzas de braseiros extintos dão o colorido do tempo recuado. Os desenganos não me afligem; ao contrário, robustecem a experiência. Isso é apenas o lado também humano de um velho, aspecto muito pequeno, no entanto, diante disto: a sorte de poder voltar ao meu Colégio e entreter-me com jovens sucessores da minha geração.

Tenho reminiscências que fazem o meu reencontro com os tempos da segunda década dêste século e que me permitem torná-las como uma credencial no encontro com os alunos de 1964.

O Colégio Militar foi a instituição que tudo me deu, depois daquilo que recebi de meus pais. A assistência social me manteve na categoria de aluno gratuito e recebi um ensino de altos padrões de eficiência.

Durante seis anos, convivi com cêrca de trezentos meninos e jovens do Rio Grande do Sul. Longe de minha terra natal e de minha

família, tive a compensação de exemplos dos generosos sentimentos dos gaúchos.

O austero Comandante e os competentes Professôres constituíram benemerência na educação da minha turma.

A história pátria nos era familiar e a bravura da gente dêste Estado despertava em nós condições de sermos homens e futuros militares.

Os métodos de educação adotados nos davam a largueza da escola da iniciativa. Os problemas, antes de tudo, eram mais nossos do que dos outros e dos superiores. A vontade de vencer promovia galardão de prestígio. As ilusões povoavam as mentes, envolvendo, porém, só a pessoa de cada um, e daí as decepções, sempre transitórias, ficarem circunscritas ao iludido consigo mesmo.

O assombro face a Deus reforçava a formação de um ideal sagrado e todo pelo Brasil.

A Sociedade Cívica e Literária nos associava patriòticamente e despertava o gôsto pela leitura, a discussão e a oratória alvoroçada dos verdes anos. A sua enorme tribuna empinava a nossa presunção, mas, ao mesmo tempo, alteava o nosso amor ao País e às boas causas.

Tudo isso ficou para trás e revive agora nas recordações de uma testemunha. A evo-

lução altera conteúdo e formas. Mas há constantes que persistem como um mínimo que passa de uma gente a outra. E eu as conto, por ter vindo de 1912-17 para o dia de hoje, neste mesmo Colégio.

Um ideal é fôrça e roteiro, e dá ao jovem ânimo e percepção da carreira que irá seguir.

A aplicação nos estudos e devotamento ao trabalho impregnam o adolescente da certeza de que será sempre uma criatura de Deus e da Pátria, atuante e produtiva. O imediatismo e o carreirismo não se apoderam de quem põe continuado esfôrço pessoal na conquista legítima de sucessivos objetivos.

Falar a verdade e andar em busca da verdade é ter caráter e honra. Com isso, o coração do menino se engrandece e, mais tarde, os sentimentos do homem se enobrecem.

Para conviver, obedecer e chefiar, é preciso, desde já, possuir, em relação aos outros, além do conhecimento da profissão, a medida bem humana da grandeza e da humildade.

Vincular-se a uma tradição, inclusive a de família, torna a pessoa situada na existência. Não, porém, perder-se em tradicionalismos retardatários, que fazem o homem lerdo e impertinente conservador, sempre de costas para o futuro.

Não ser cerimonioso com as idéias, nem ter receio das novas idéias, a fim de incorporá-las ou combatê-las, é fator para estar integrado no espírito de seu tempo e para sempre evoluir. Olhando para o alto e em redor, os pés no chão caminham na boa cadência da marcha para a frente.

Uma epístola de São Paulo mostra a conduta na perene batalha cívica por um ideal. Ter na mão esquerda um escudo para se defender e, na direita, a espada para atacar, é o modo de ação de quem quer pelejar por uma causa justa. Contrapor decisivamente a coragem de uma atitude ao mêdo de entrar em posição.

Eis aí a minha mensagem aos jovens alunos que me escutam.

Muitos dos rapazes e meninos de hoje e de amanhã irão transmitir outras mensagens, de amizade e civismo. Nunca será tarde, nem muito tarde. E, assim, o nosso Colégio Militar manterá a sua tradição e a sua vocação de voltar-se sempre para o porvir.

Departamento de Imprensa Nacional
1964